

ANC p 11

# Enfim, a Constituinte

JORNAL DO BRASIL

## diz ao que veio

14 AGO 1987

*Villas-Bôas Corrêa*

**A** final, a Constituinte deslanchou. Não era sem tempo e até que muitas esperanças espicaçadas na fase caótica estão agora penduradas no risco de um recomeço para valer que relegue tudo que se juntou tumultuariamente até agora ao pó dos arquivos.

A Constituinte perdeu ou usou mal quase sete meses de tentativas mal encaminhadas de ouvir a sociedade. Abriu-se em leque inédito e demagógico de 24 subcomissões e convocou o povo a depor, reivindicar, discutir.

O que parecia um gesto largo e generoso de abertura, a reverência ao eleitorado, não passou de um truque esperto e malandro do PMDB, a iniciar-se na rota das omissões, dos encolhimentos, da dissimulação. Ao partido majoritário, de um tamanho recortado pela ilusão do cruzado, competia a responsabilidade de encaminhar um anteprojeto que recolhesse os compromissos da campanha e as posições programáticas da legenda, como um texto ao mesmo tempo ordenador e provocador da controvérsia. Em lugar de se acenar ao povo, piscando o olho num trejeito malandro, para o despejo de reivindicações longamente reprimidas em tantos anos de opressão e arbítrio, ao PMDB competia balizar a discussão, imprimindo-lhe a seqüência lógica de montagem racional.

Mas, já em fevereiro, quando a Constituinte instalou-se, o PMDB estalava nas juntas da decepção do seu eleitorado consensual. A vitória inflada de 15 de novembro fora montada no sonho-pesadelo do cruzado. Se não há como contestar a sua legitimidade, é inquestionável que o PMDB foi o grande beneficiário de um logro gigantesco. Como espelho fiel da ardente manifestação do eleitorado, os resultados da esmagadora consagração do PMDB duraram cinco dias. Sangram com a declaração oficial do malogro do Cruzado, com a debandada dos desiludidos fiscais do congelamento.

Ora, o PMDB sentiu na carne a comoção da sua base popular. E quando ela quebrou, o PMDB começou a rachar. Um pedaço do partido, o seu naco mais à esquerda, inclinado para o popular, foi se afastando da linha da maioria fisiológica, agarrada a empregos mordomias.

Dividido, mas obstinado em guardar as aparências, o PMDB passou a fugir de todas as definições. Por isso não pôde bancar um anteprojeto à Constituinte. Afinal o PMDB não tem posição sobre nenhum dos temas polêmicos. Passa ao largo, escafedendo-se para não ser chamado à falas. O escapismo consagrou-se como a linha oficial do partido na famosa Convenção Nacional das indefinições.

Desamparado pelo PMDB, seu grande partido, a Consti-



uinte perdeu-se na estrada. Tateou às cegas, enrolada num Regimento Interno que foi pautado nas necessidades do partido.

Deu no que se viu. Em meses de esforços frustrantes, na acumulação de propostas desconectadas empilhadas nos gabinetes das 24 subcomissões e das oito comissões temáticas. Muitas, agasalhando ilusões, aprovadas nas etapas preliminares. Para quê?

O anteprojeto do deputado Bernardo Cabral serviu como denúncia do irrealismo do sistema improvisado. Inaproveitável como texto para debates e votações a sério nas rodadas decisivas do plenário.

O fantasma de um desastre de proporções gigantescas sacudiu a Constituinte. Se o PMDB falhou, as bancadas reagiram. Na perturbação e falência dos partidos, na desordem das siglas, brotaram os blocos, em floração, que foram arrumando o plenário para a negociação e os confrontos. Na polarização de diferenças ideológicas seguindo a linha divisória que junta os que se aproximam em dois lados distintos.

A Constituinte dispõe de pouco mais de quatro meses para resgatar o tempo perdido e recuperar esperanças. É pouco, mas tem que dar.

A véspera de decisões programadas para meados de setembro, quando o plenário receber o anteprojeto final da Comissão de Sistematização, estimulou a reação da sobrevivência.

Os sinais de desalento começam a ser invertidos. Na revelação de uma fantástica participação da sociedade, orquestrada pelas organizações de ponta. Nunca se vira nada igual: cem emendas apoiadas por milhões de assinaturas de eleitores devidamente qualificados.

E a súbita revelação de uma insuspeitada capacidade de articulação, de conciliação, de acerto. Sempre passando por cima dos partidos e de suas superadas lideranças. Há duas linhas de negociação que se cruzam nas tensões da antevéspera. Uma busca alargar a mancha consensual para viabilizar a aprovação da Constituição dentro de um prazo decoroso que não ultrapasse o fim do ano para desembocar no imprevisível 88. Outra, que organiza o plenário para os enfrentamentos que deslindarão o resíduo polêmico. Aquilo que separa e que é insuscetível de um alinhavo.

A resultante dessas duas linhas ditará o modelo da futura Constituição, a sua possível e desejável aceitação pela sociedade ou a dramática ameaça de uma rejeição que assinala a retomada de um processo de agitação social.

A Constituinte deu a volta por cima. Esteve por um triz, na beirada do precipício. Quase que não se reencontra, desencaminhada no nevoeiro de inovações desconchavadas. O que pesa sobre ela, ao final da travessia, é o desafio de conciliar interesses da maioria com as reivindicações populares, minoritariamente representadas, mas respeitáveis. E que não podem ser simplesmente ignoradas, despejadas no lixo.